

Baathistas, predominantemente sunitas e secularistas, e fundamentalistas islâmicos formam o núcleo da resistência à ocupação

Desde que o novo governo iraquiano tomou posse, no final de abril, em menos de um mês houve perto de 500 mortos por ações de rebeldes, a maioria resultante de atos suicidas cometidos pelos chamados homens-bomba. De acordo com Hiwa Osmari, curdo iraquiano, do Instituto para Informação sobre Guerra e Paz no Iraque, com sede em Londres, a resistência aos ocupantes estrangeiros e ao governo iraquiano tem como núcleo central setores ligados ao antigo regime. Mas, segundo ele, os suicidas não são, em sua maioria, iraquianos.

Em artigo publicado no *The Washington Post*, Osmari diz que, sob a designação genérica de “rebeldes”, ou de “insurgentes”, há pelo menos três grupos diferentes de militantes, com objetivos conflitantes entre si, mas que fazem alianças para lutar tanto contra o governo como contra os estrangeiros. Um desses grupos é formado por “aqueles que foram demitidos do Exército e de outras instituições do governo por serem membros do Partido Baath, mas não acreditam de verdade na velha fórmula de socialismo árabe de Saddam Hussein”. Outro são “os baathistas duros na queda” e, finalmente, o terceiro, “os militantes islâmicos ligados ao Al Qaeda”.

Enquanto o objetivo daqueles que Osmari qualifica de “baathistas brandos” é restabelecer o poderio dos sunitas, o dos “baathistas duros” é

reinstalar o “socialismo árabe” – eles avaliam que terão força militar suficiente para isso depois que as forças estrangeiras se retirarem. Já os militantes islâmicos querem instaurar uma teocracia. Os três grupos se unem para cometer os atentados, organizados pelos seculares e concretizados pelos islamitas fundamentalistas, que são os que verdadeiramente morrem como homens-bomba.

Segundo Osmari, “ataques suicidas não são necessariamente operações iraquianas”. Segundo ele, a Síria – cujo governo é secularista – é uma base importante para os homens-bomba de vários países que pretendem agir no Iraque e funcionários do governo sírio estão envolvidos nas operações de seleção, treinamento e envio desses voluntários para o Iraque.

Acordo com Irã Osmari diz também que “o Irã está dando assistência ao grupo islâmico radical Ansar al-Islam, um grande grupo majoritariamente curdo associado à Al-Qaeda, e ao Ansar al-Suna, que assumiu a responsabilidade pelo ataque suicida que matou mais de 50 pessoas e feriu 70 recrutas policiais no início do mês [de maio]”. O artigo de Osmari foi publicado dias antes de Irã e Iraque terem feito acordo pelo qual os iranianos se comprometeram a fechar suas fronteiras para a passagem, para dentro ou para fora, de eventuais suspeitos de terrorismo. A confiança que os baathistas “duros” têm, de que se as tropas estrangeiras saírem do Iraque, eles terão força militar suficiente para retomar o poder, encontrou eco nas palavras do novo presidente iraquiano, o curdo Jalal Talabani (na imagem, ao centro, com membros do novo governo). Durante entrevista concedida ao jornal *O Estado de S. Paulo*, durante a Reunião de Cúpula América do Sul-Países Árabes, em Brasília, ele disse que aguarda o dia em que “possamos terminar de reformar nosso exército e nossas forças policiais e pedir aos ameri-

canos que voltem para casa”. Um reconhecimento indireto de que as forças estrangeiras são essenciais, pelo menos por enquanto, para manter um mínimo de ordem e de segurança no Iraque.

Um complicador adicional é que os rebeldes baathistas são, em maioria, sunitas, embora secularistas (os fundamentalistas também são, no geral, sunitas). Eles querem retomar pelo menos grande parte do poder que perderam para os xiitas, principalmente (mas também para a etnia curda), que dominam o novo governo iraquiano. Isso está acentuando as divergências entre os grupos religiosos. Em meados de maio, foram encontrados, nas vizinhanças de Bagdá, os corpos de 15 membros da Junta de Eruditos Muculmanos, organização favorável, em sua maioria, aos rebeldes, o que exacerbou os ânimos dos sunitas contra os xiitas, a quem acusam pelo crime. No mesmo período, foram encontrados os corpos de 50 outros iraquianos, na maioria xiitas.

Durante sua recente visita ao Iraque, a secretária de Estado dos EUA, Condoleezza Rice, instou o governo e os parlamentares a darem mais abertura para os sunitas. Em resposta a isso, o Ministério da Defesa iraquiano comunicou que não mais serão invadidas mesquitas, sunitas ou quaisquer outras, mesmo que nelas se abriguem rebeldes.

Tudo isso ocorre num momento crítico para o país, quando a Assembléia Nacional Transitória está discutindo a Constituição. Pode ser, no entanto, que a nova Carta Magna iraquiana não ajude a encaminhar os problemas. Afinal, a comissão que está redigindo seu anteprojeto reflete, na sua composição, a correlação de forças na Assembléia na eleição boicotada pela maioria dos sunitas. Assim, há na Comissão 28 xiitas, 15 curdos, 8 nacionalistas seculares, um comunista, um turcomeno, um cristão e apenas um sunita. **[Renato Pompeu]** ■

